



Esther Moraes de Souza

Uma mulher aventureira no centro do país

Arquivo pessoal

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O amor por Brasília começou muito antes de sua chegada aqui. “Meu irmão veio trabalhar na construção da nova capital em 1957 e sempre dizia coisas maravilhosas a respeito da cidade”, lembra Esther Moraes de Souza. “Ele me contava que na futura capital do Brasil havia muito trabalho, não tinha horário para nada, que os funcionários só andavam de avião e que fazia muito frio também”.

O sonho de conhecer a cidade e a esperança de melhores oportunidades na região aumentavam a cada dia. Por coincidência, Esther acabava de entrar de férias do escritório de contabilidade, onde trabalhava, no Rio de Janeiro. Quando faltavam apenas dois dias para a inauguração de Brasília, a carioca resolveu embarcar para o cerrado. “Eu cheguei e fui direto para um hotel de madeira na Avenida Central da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). Mesmo sem praia, Esther se sentiu em casa. “Eu gostei muito da cidade, apesar da poeira vermelha, do frio intenso e das dificuldades de transporte que havia naquela época. Aqui a gente andava a pé quando não era de carona nas caminhonetes das firmas. Além do mais, eu não via possibilidades de melhorias no Rio de Janeiro”.

Foi da boléia de uma caminhonete que Esther assistiu de



longe os folguedos da cerimônia de inauguração da nova capital. “Como tudo acontecia muito espalhado, infelizmente não deu para assistir de pertinho”, lamenta.

Impressionada com a rapidez das obras, com o ritmo apressado dos operários e a popularidade do presidente Juscelino, que costumava andar nas ruas como uma pessoa comum, Esther voltou para o Rio — as férias haviam terminado — com a certeza de que aqui era a cidade do futuro e o local ideal para trabalhar e morar. “Eu cheguei no Rio de Janeiro

decidida a voltar”, afirma.

A primeira coisa que fez ao chegar na Cidade Maravilhosa foi ir ao escritório acertar a sua demissão. A decisão da funcionária causou surpresa ao chefe. “Ele me disse com todas as letras: Eu já vi homem aventureiro, mas mulher é a primeira”, recorda. “Por um lado ele tinha razão, era uma aventura mesmo mudar para uma cidade que acabava de nascer ainda mais sem emprego, sem nada”. Na esperança de que Esther voltasse atrás na decisão ele deixou a vaga à sua disposição.

A mudança

No mesmo ano, a pioneira voltou a Brasília disposta a começar uma vida nova. Para se manter aqui até arrumar um emprego, Esther encontrou o sustento na venda de roupas. Ela trazia do Rio para vender em Brasília. “Eu vendia muito para os funcionários dos bancos que funcionavam ali na W3 Sul. As roupas eram simples, para o dia-a-dia mesmo”. Como os tecidos e roupas aqui eram muito caros e havia poucas lojas, muitos compravam em outras cidades. “Nessa época, tudo era trazido de fo-

ESTHER COM AMIGAS NA PRAÇA DOS TRÊS PODERES, EM FRENTE AO PALÁCIO DO PLANALTO

ra, até os ingredientes da feijoada eram encomendados do Rio”, lembra a carioca.

O primeiro endereço da pioneira foi no alojamento da construtora Ecel, na 306 Sul. “Os proprietários eram amigos do Guanabara (forma como era conhecido o irmão) e então me ajudaram a arrumar uma acomodação”, conta.

C.111

PIONEIROS

Depois de conhecer a cidade na época da inauguração, a pioneira resolveu pedir demissão do emprego no Rio de Janeiro para tentar a vida na nova capital

ESTHER COM A FAMÍLIA: OPÇÃO POR VOLTAR PARA A CIDADE E CRIAR OS FILHOS



“No início era muito difícil arrumar uma residência aqui”. Depois da 306, Esther conseguiu um quarto emprestado, na 107 Sul, para onde ela e o irmão se mudaram. “O Guanabara conseguiu com uns amigos, mas tivemos que sair de lá em pouco tempo porque a família do funcionário veio para Brasília e precisou do apartamento”. Depois de tantas mudanças ela pode se estabelecer por um bom tempo no alojamento Dó-Ré-Mi, nas proximidades do Brasília Palace Hotel. “O Dó-Ré-Mi era misto, todo em madeira com quartos separados para homens e mulheres”.

A vida aqui não era fácil. O primeiro emprego e o único onde Esther permaneceu durante toda a sua vida na capital, foi na Fundação Hospitalar que funcionava no prédio do Ministério da Educação. Mais uma vez, ela contou com a ajuda do irmão — proprietário da Sociedade Guanabara de Limpeza —, que tinha acesso aos grandes órgãos públicos e desfrutava de boas amizades. A empresa era responsável, dentre outras coisas, “pela limpeza do taco (piso) dos prédios” que iam sendo construídos. “Meu irmão tinha um amigo engenheiro que era amigo do secretário de Saúde e foi por intermédio deles que consegui trabalho na fundação”, explica.

Foi como escriturária que a pioneira iniciou sua carreira no funcionalismo, em novembro de 1960. O registro na carteira de trabalho ela exibe com orgulho. “A fundação foi inaugurada em setembro de 1960, um mês depois eu estava lá”. A escriturária teve a oportunidade de acompanhar todas as mudan-

ças da fundação e passou por todas as gestões. “Pude trabalhar com doze secretários de Saúde”, conta orgulhosa. De escriturária, foi promovida a secretária e em seguida a chefe da Divisão Pessoal, a assistente do diretor de Administração, a presidente da Comissão de Licitação e por último, como diretora da Divisão de Serviços Gerais.

Um grande susto

Depois do expediente na Fundação Hospitalar era comum um churrasquinho na beira do lago ou uma seresta. “Os servidores se reuniam, os médicos residentes também, pegávamos um violão e íamos embora para o lago. Quem não tinha carro pegava carona com o outro. Era um grupo muito animado”, ressalta. Esther também era frequentadora do Iate Clube, do Teatro Nacional e do Hotel Nacional. “Os bailes de lá, conhecidos como bailes da cidade, eram muito animados. A gente trazia as fantasias do Rio de Janeiro. Era uma época muito boa, não tinha violência e sempre conhecíamos pessoas novas”.

Segundo a pioneira, o perigo mesmo vinha de algumas construções. Como a cidade ainda era mal iluminada, as mulheres tinham receio de sair à noite sozinhas por causa da quantidade de peões de obra. “Nós só saíamos em grupo”, afirma Esther.

Pouco habitada naquela época, a cidade escondia seus perigos nos arredores. Um ano depois da chegada, Esther passou por maus momentos. Segundo ela, por falta de opção, num sábado se juntou a um grupo da Fundação Hospitalar e resolveram sair para uma pescaria no rio São Bartolomeu, próximo ao Lago Paranoá. “Quando chegamos lá, não encontramos peixe nenhum e resolvemos voltar. Só que seguimos em dois grupos e o nosso retardou um pouco e acabamos nos perdendo na mata fechada”, recorda. Esther e seus dois colegas de trabalho, perdidos, andaram em sentido contrário. Foram 24h de terror. Até pegadas de onça eles encontraram. Para iluminar o caminho, o colega, que, por sorte tinha uns cigarros e uma caixa de fósforo, providenciou uma

fogueira. “A turma que voltou comunicou a meu irmão, que pediu socorro ao Palácio do Planalto”. O helicóptero do governo foi a salvação. “Quando vimos o helicóptero sobrevoando a região, meu colega tirou a camisa e abanou”. Ela e os amigos já estavam no município de Cristalina. “Apesar do perigo que corremos naquela mata, graças a Deus não aconteceu nada”, conta aliviada. Depois do susto, ela ficou sabendo que eles foram notícia no jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro. “Minha irmã leu a notícia e mal sabia que eu estava no meio”.

Foi em Brasília também que Esther viveu os melhores momentos de sua vida. “Aqui eu conheci meu marido e foi onde criei e eduquei meus filhos. Mas nessa época a cidade já tinha tudo, creches, escola, shopping”, comemora a pioneira. Há alguns anos atrás ela e o marido voltaram para o Rio de Janeiro. “Ele não gostava muito daqui”. Após a morte do marido, ela resolveu voltar para Brasília. “Achei que aqui era o melhor lugar para criar os filhos, por isso resolvi voltar”, afirma.

“**NESSA ÉPOCA, TUDO ERA TRAZIDO DE FORA, ATÉ OS INGREDIENTES DA FEIJOADA ERAM ENCOMENDADOS DO RIO**”

Raio X

Nome: Esther Moraes de Souza
Idade: 70 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Funcionária pública (aposentada)
Estado civil: Viúva
Filhos: Ana Lúcia, Alessandra e Jorge Henrique